

albania 4

terra do homem novo nov/dez 75

1944
1975

ASSOCIAÇÃO DE AMIZADE PORTUGAL-ALBÂNIA

31º ANIVERSÁRIO DA REPÚBLICA POPULAR DA ALBÂNIA



TIRANA em 29 de Novembro de 1944 dia da Libertação da Albânia



31º ANIVERSÁRIO DA R. POPULAR DA ALBÂNIA

A 29 de Novembro de 1944, após uma dura guerra de libertação, o povo albanês conquistou a sua tão querida independência nacional. Hoje, 31 anos após a sua libertação, o povo da República Popular da Albânia pode sentir-se orgulhoso das suas conquistas e olhar confiante o futuro. De igual modo, hoje a AAPA, expressão organizada da Amizade profunda entre o povo português e o povo albanês, não pode deixar de compartilhar da alegria e confiança do povo albanês face ao futuro.

A Albânia entra no século XX como um dos países mais atrasados e pobres da Europa. Libertado do domínio turco em 1912, a Albânia é novamente subjugada durante a primeira Guerra Mundial, só voltando a conquistar a independência em 1924, para novamente a perder em 1939 com a ocupação italiana. Só 5 anos mais tarde, após dura luta, o povo albanês conquistou a independência que mantém até hoje.

A luta de Libertação Nacional contra os ocupantes italianos e alemães, que durou mais de cinco anos e meio, é a luta mais sangrenta e corajosa a que o povo albanês teve de meter ombros ao longo da sua atribulada história.

Com pouco mais de um milhão de habitantes, o povo albanês sofreu mais de 28.000 mortos e 12600 inválidos; foram-lhe incendiadas 62.474 casas, centenas de milhares de cabeças de gado morreram, a agricultura foi destruída, etc.

No entanto, os heróicos esforços do povo albanês, o sangue que correu e as pesadas perdas sofridas foram recompensadas pela vitória final sobre os inimigos externos e internos.

A resistência popular inicia-se logo no dia da ocupação italiana, desenvolve-se, atinge pontos altos como as mais importantes manifestações de 28 de Novembro de 1939. No entanto é a partir de 1941 que mais passos em frente se dão: criam-se unidades de combate que dão origem às guerrilhas populares. Estas, apoiando-se nas aldeias camponesas, ganham grande apoio popular.

As guerrilhas alastram a todo o país, começam a libertar aldeia após aldeia. Em cada região libertada o Exército de Libertação Nacional (ELN) cria órgãos de poder popular que virão a ser, após a libertação, a base de toda a organização popular. Incentiva-se a luta, criam-se centenas de novas brigadas, cria-se o Estado-Maior Gene-

ral do ELN e os Conselhos de Libertação Nacional.

Com a batalha pela libertação de Tirana (que dura 19 dias) em Outubro/Novembro de 1944 e com a conquista em 29 de Novembro de Shkoder, último reduto nazi, ter-

mina vitoriosamente a luta pela libertação da Albânia.

Ao longo destes 31 anos de Poder Popular, o povo albanês conheceu sucessos e vitórias que nunca antes sonhara.

A população aumentou para mais

criação e desenvolvimento dos conselhos de libertação nacional

Criados em Fevereiro de 1942 a partir dos destacamentos guerrilheiros existentes, conheceram um grande desenvolvimento após a Conferência de Libertação Nacional realizada em Peza a 16 de Setembro de 1942, na qual participaram comunistas e patriotas de diversas correntes.

A Conferência de Peza, como ficou conhecida, criou a Frente de Libertação Nacional (FLN), que sob a direcção de um Conselho Geral, deveria unir todos os albaneses antifascistas sem distinção de classe, convicção política, região de origem ou religião. Segundo a Conferência, os Conselhos de Libertação Nacional deveriam ser criados em todo o país.

Os Conselhos de Libertação Nacional eram chamados a desempenhar um importante papel na organização da luta popular e no lançamento das bases políticas do futuro estado.

Correspondendo a um passo em frente na luta, o Conselho Geral da FLN, reunido em Labinot em Julho de 1943 decidiu criar o Estado Maior do Exército de Libertação Nacional (ELN), tendo por chefe Spiro Moisiu e por comissário político Enver Hoxha. Meses mais tarde, de 4 a 9 de Setembro a segunda Conferência da FLN, proclama os Conselhos de Libertação Nacional, como o único poder na Albânia.

Correspondendo a novas vitórias, duzentos delegados representando a população que tinha aderido ao movimento de Libertação, reuniram-se de 24 a 28 de Maio na cidade de Permet. Era o I Congresso Antifascista de Libertação Nacional.

Na base de um discurso de Enver Hoxha o Congresso tomou a decisão "de edificar uma Albânia nova, democrática e popular". Foi eleito um novo Conselho Antifascista de Libertação Nacional (CALN) tendo como presidente o doutor O. Nishani, democrata nacionalista. O Conselho elegeu, por sua vez, um Comité Antifascista de Libertação Nacional, com as funções de um governo democrático provisório.

Nas zonas libertadas, os Conselhos de Libertação Nacional desempenhavam diversas funções administrativas: velavam pela correcta gestão da vida económica e cultural local, desenvolviam uma incansável actividade cultural e artística. Por decisão do CALN fizeram o recenseamento das terras, fase preparatória da reforma agrária.

A 22 de Outubro de 1944, na cidade de Bérat, o Conselho Antifascista de Libertação Nacional, transformou-se em Governo Democrático da Albânia.

A R.P. DA ALBÂNIA AMIGA DOS POVOS DE TODO O MUNDO

A política externa da República Popular da Albânia é a política própria de um país socialista. Como disse o seu presidente Enver Hoxha, a Albânia tem um nome respeitado e um grande prestígio no mundo, segue uma política de boa vizinhança e de apoio a todos os povos que lutam pela liberdade e pela independência nacional.

Já quando da guerra de Espanha, quando a Albânia se encontrava ainda dominada pelos fascistas, o povo albanês mostrou o seu internacionalismo, enviando alguns dos seus melhores filhos, chefiados pelo herói nacional Mehmet Shehu, para que, ao lado dos povos de Espanha, lutassem pelo esmagamento do fascismo.

Hoje, com relações diplomáticas com cerca de 70 países, a RPA é uma voz respeitada pelos apoios que tem dado. Uma grande amizade liga o povo albanês ao povo do Vietnã: a RPA apoiou desde o primeiro minuto a luta do povo vietnamita pela libertação do Sul da sua pátria, pela defesa da República Democrática do Vietnã, e pela reunificação do país. A RPA apoiou firmemente a luta do povo cambojano contra o regime fantoche pró-americano de Lon Nol.

Do mesmo modo, a RPA tem desenvolvido esforços no apoio à causa palestiniana, desmascarando as potências imperialistas e as suas ingerências no Médio Oriente.

Finalmente, a RPA tem defendido a causa dos povos do Terceiro Mundo na sua luta contra o hegemonismo das superpotências. Na ONU, em todas as conferências internacionais, a voz dos delegados albaneses tem constituído um precioso apoio aos povos oprimidos. O apoio aos países produtores de petróleo, a luta pelas 200 milhas marítimas as posições assumidas nas conferências mundiais da Alimentação, são alguns exemplos das firmes posições internacionalistas da RPA e do povo albanês.

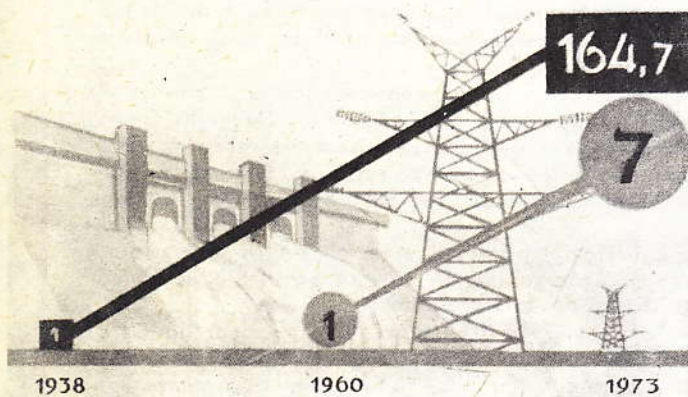
do dobro. A evolução progressiva dos salários e a melhoria das condições de vida, a assistência materno-infantil, a existência de creches, hospitais, casas de saúde e de repouso, a organização dos tempos livres dos trabalhadores em proveito do recreio, da educação e da cultura — tudo isto con-

tribuiu para alterar completamente as condições de vida do povo albanês.

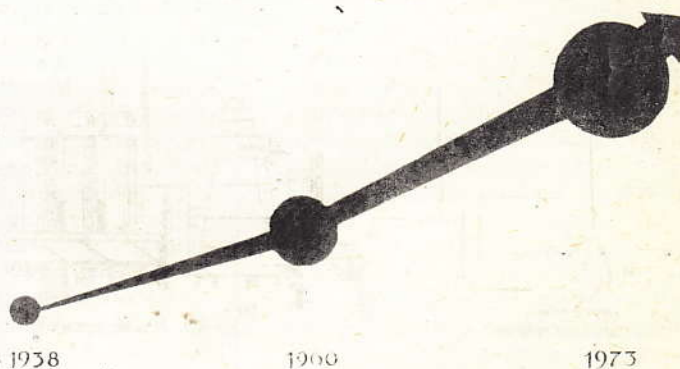
A agricultura desenvolveu-se, as áreas cultivadas aumentaram para o dobro, a terra foi entregue aos camponeses, criaram-se cooperativas de produção. O país industrializou-se, dotou-se de uma rede de centrais eléctricas que atingem todo o país, dotou-se de redes de caminho de ferro e estradas. Actualmente, a indústria albanesa encontra-se em pleno crescimento, em harmonia com os recursos naturais do país e com o desenvolvimento da agricultura.

Enver Hoxha, destacado e querido dirigente do povo albanês, enviou há 31 anos uma mensagem ao povo albanês onde afirmava: "Sois vós que deveis colher os frutos desta guerra heróica, porque eles vos pertencem, porque fostes vós quem os pagou com sangue".

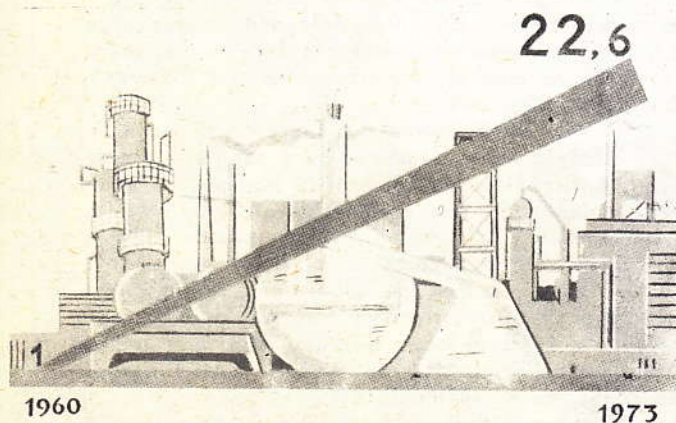
Eis algumas das grandes vitórias da nova indústria albanesa



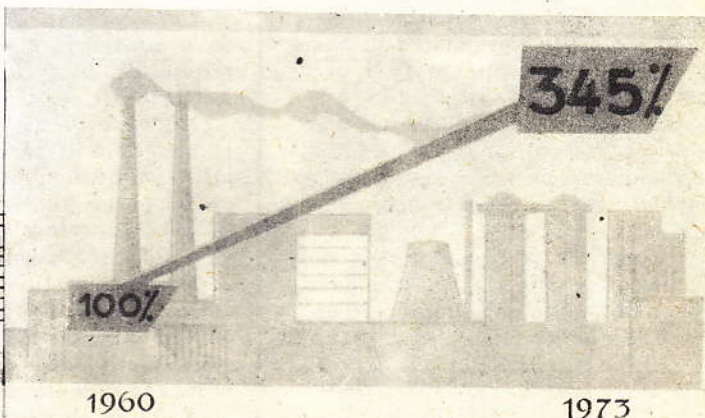
Desenvolvimento da Indústria Elétrica



Produção Industrial Global



Desenvolvimento da Indústria Química



Produção Industrial Global

a nova literatura alcança projecção internacional

Quando, há mais de um século De Rada, célebre escritor do renascimento albanês publicava em língua estrangeira as criações da literatura albanesa, tornando-a conhecida nos meios literários da Europa, encontrou por todo o lado grandes dificuldades na sua difusão.

As pretensas "grandes culturas" viam com desagrado o florescimento da cultura dos pequenos povos. E contudo por todo o lado se escrevia sobre os albaneses em termos ignorantes, considerando-os homens sem cultura, sem literatura e sem arte.

Foi só após a libertação, quando escritores como Cajupi, Naim Frashëri, e Migjeni começaram a ser traduzidos em línguas estrangeiras que se tornou impossível esconder a verdadeira importância das suas obras, que ultrapassa grandemente as fronteiras da pequena Albânia.

Hoje a situação é completamente diferente.

O romance "*O general do exército morto*" de Ismail Kadare encontra-se traduzido em 20 países do mundo, tendo sido já editado por 2 vezes em França. Poesia de D. Agolli, Ismail Kadare, F. Arapi, N. Lako foi editada em Paris há apenas dois anos. Parte do romance "*O Comissário Memo*" de D. Agolli foi traduzido no Japão. O poema "*Os pais*" foi impresso na Síria. Poemas de Dh. Shuteriqi aparecem na Noruega e no Vietnam. Serão em breve editados em Cuba.

Os "*Tambores da Chuva*" de I. Kadare foi publicado em diversas línguas. Outras obras albanesas foram publicadas na Suécia, na Turquia e na Finlândia.

Estes dados obviamente incompletos, demonstram a grande projecção internacional que a literatura albanesa alcança hoje em dia. Como explicar tal facto?

Se a literatura albanesa se conseguiu impôr por todo o lado, deve isso ao seu conteúdo progressista, ao facto de traduzir com fidelidade e com arte a luta difícil de um povo pelo socialismo. Se ela se impõe fá-lo pelas suas ideias e não pela sensação; pelo seu realismo e não pela pornografia; pela arte e não pela experiência formalista.

Tem-se desprezado a literatura dos pequenos povos, acusando-a de regionalista, provinciana, folclórica e nacional. Há quem, interessando-se por ela, queira apresentá-la como uma coisa exótica, cheia de trajes folclóricos.

O crítico francês G. Laponge, da revista "*A quinzena literária*" diz sobre o romance "*O general do exército morto*": "O romance tem as suas raízes na realidade albanesa, sem se prender ao folclorismo, nem ao regionalismo".

Se a literatura albanesa é do nível da do autor de "*O general do Exército morto*" ela nada tem que invejar da nova literatura francesa" (Combate, março 70).

A nova literatura albanesa tem contribuído para apagar a imagem que, com fins políticos determinados, foi criada e que considera o Albanês como um homem primitivo, retrógrado, selvagem e inculto. Hoje desenha-se o retrato das águias das montanhas que lutam desde tempos imemoriais contra os invasores que tentaram subjugarlos; desenha-se a figura de um povo armado que sabe permanecer fiel aos seus amigos e que tem muito para ensinar aos outros povos.

O chefe das relações públicas da UNESCO disse, referindo-se a uma exposição chamada "A arte albanesa através dos séculos": "a pequena Albânia mostrou que não é pequena, mas grande, que possui uma arte e uma cultura antigas e cheias de dignidade que se colocam lado a lado com os grandes países europeus".

Ouçamos também o que sobre este assunto disse Enver Hoxha: "Pensai que se os estrangeiros tiverem textos de poesia, de prosa, dos nossos poetas, com um elevado nível de tradução, eles conhecerão e descobrirão muitos aspectos da vida material e espiritual do nosso povo que edifica uma vida nova numa verdadeira sociedade socialista".

É pena que em Portugal pouco ou nada se conheça da nova literatura albanesa. Esperamos que as editoras e os escritores portugueses anulem, o mais rapidamente possível essa falta no panorama literário português.



O Combinado Metalúrgico de Elbasan que está a ser construído com a ajuda internacionalista da República Popular da China, será um grande complexo industrial integrando várias fábricas e sectores auxiliares. Nesta obra aplicaram-se os últimos êxitos alcançados pela República Popular da China no campo da metalurgia do ferro e do aço.

Ao pôr em funcionamento este complexo metalúrgico, a Albânia produzirá anualmente 250.000 toneladas de aço laminado com uma ampla gama de variedades e dimensões, começando pelo arame de 0,5 mm de diâmetro e indo até aos tubos de 500 mm. Serão produzidos aço laminado de diferentes espessuras, zinco laminado, tubos com soldadura directa, em espiral, e ser soldadura, diversos tipos de cabos de aço, ferro colado, ladrilhos e outros materiais refractários, eléctricos normais e de grafite e outros artigos.

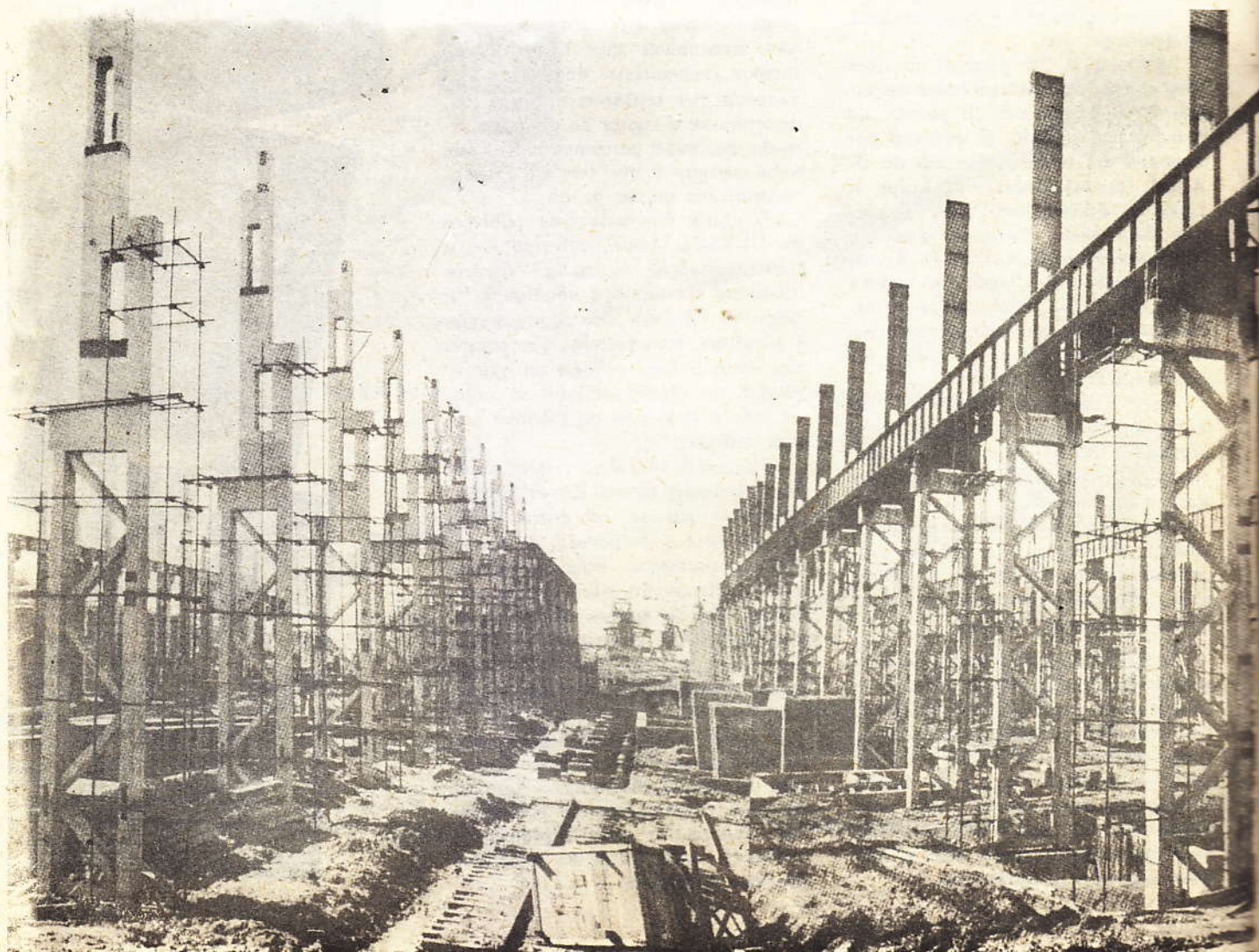
Parte dos tubos e das pranchas directamente soldados são de zinco.

A matéria que vai ser utilizada no combinado metalúrgico é o mineral de ferro-níquel das minas de Prrrenjas e de Guri e Kug, que estão a ser abertas nas regiões vizinhas de Elbasan.

Proximamente serão iniciados os trabalhos de construção de outro combinado metalúrgico e a fábrica de fundição de ferro-cromo que produzirá a matéria prima necessária para estes complexos metalúrgicos, assim como para exportação.

Todo este projecto foi elaborado com o auxílio chinês: técnicos chineses participam na montagem, e todos os equipamentos são chineses.

COMBINADO METALÚRGICO DE ELBAZAN





amanhecer da metalurgia albanesa



Existem 10.000 operários a trabalhar neste combinado, dos quais 1.500 são mulheres, 900 são comunistas que corresponderam ao apelo do Partido e de Enver Hoxha. (O PTA considera que Elbasan, mais que um estaleiro, é um centro de formação política e ideológica dos operários) e onde cerca de 70% dos operários são jovens com menos de 26 anos.

Neste combinado existe uma escola técnica secundária para preparar operários especializados.

Fazem-se também reuniões e assembleias para discussão política. Nestas reuniões há uma participação muito larga de operários e as críticas apresentadas revelam uma grande maturidade política. Existem em Elbasan uma União Profissional organizada por secções e um Comité do Combinado.

Para se avaliar da extensão desta obra, basta dizer que tem uma rede de caminho de ferro interna com a extensão de 27 quilómetros.

A conclusão do Combinado Metalúrgico de Elbasan está prevista para 1980. Ele proporcionará à Albânia a sua autonomia económica neste campo. Será para os albaneses a sua segunda libertação.

A LUTA CONTRA A TUBERCULOSE

Para que os nossos leitores possam fazer uma ideia de tudo o que se fez na Albânia no campo da luta contra a tuberculose, é importante assinalar que nas vésperas do poder popular não existia na Albânia serviço anti-tuberculoso. Tirando uma secção de 50 camas no hospital civil de Tirana, nada mais existia para combater a tuberculose. Durante a Segunda Guerra Mundial, a tuberculose aumentou-se em consequência das ruínas, das transferências de lugar e outras consequências resultantes da ocupação estrangeira. Embora não existam dados estatísticos relativos ao período de antes da guerra, pode afirmar-se que a tuberculose na Albânia conhecia grande expansão, sobretudo entre os operários e camponeses pobres.

Depois da libertação do país, começou-se logo a aumentar rapidamente o número de lugares para que os doentes pudessem ser diagnosticados e hospitalizados. Em cinco anos, até 1950, conseguiu-se uma cama para cada mil habitantes, sem contar com as 520 camas instaladas no centro de prevenção para crianças.

É um facto que nos países capitalistas o urbanismo e o desenvolvimento industrial provocaram um aumento sensível da tuberculose. Tal estado de coisas não existe na Albânia, porque a medicina, graças às medidas preventivas, combate as doenças, ao mesmo tempo que a industrialização e a colectivização provocaram a sua regressão. Na Albânia, as novas formas de tuberculose diminuem e os casos graves são raros como mostra o quadro anexo.

Paralelamente à formação dos quadros, funcionam um bom número de dispensários nas principais cidades. Estes estabelecimentos tornaram-se verdadeiros centros de luta contra a tuberculose. Eles procuram detectar a doença pelos métodos conhecidos: provas de tuberculina, exames radioscópios, radiográficos e radiofotográficos, etc.

Os doentes que têm de ser submetidos a uma cura prolongada são internados, segundo o caso, nos sanatórios pulmonares ou extrapulmonares. Aí são aplicadas todas as curas higieno-dietéticas. No sanatório de Tirana, existe um serviço cirúrgico pulmonar que realiza todos os géneros de operações conhecidas, assim como a cirurgia tuberculosa extra-pulmonar.

Para intensificar a luta contra esta doença, o governo albanês tomou uma série de decisões especiais que dizem respeito ao diagnóstico, cura e hospitalização gratuita dos tuberculosos, aos seguros sociais, à defesa anti-tuberculosa no trabalho, à detecção radiofotográfica que se estende mesmo às zonas mais afastadas, à vacinação pelo B.C.G. e, em geral, à organização da luta contra a tuberculose. Esta luta é dirigida pelo Ministro da Saúde Pública, assistente do Instituto para a luta contra a tuberculose e da clínica tuberculosa da Universidade Estatal de Tirana.

Na Albânia dispõem-se somas importantes para a luta contra esta doença. No Instituto acima referido gastam-se milhares de leks para

a cura dos doentes.

A medicina albanesa presta a maior atenção ao aspecto profilático. A vacinação pelo B.C.G., enquanto importante medida profilática, fazia-se no início com vacinas importadas. Em 1966, passaram a ser produzidas num laboratório albanês, criando assim possibilidades para uma ampla vacinação de todas as pessoas menores de 20 anos.

Uma outra importante medida adoptada a partir de 1962 foi a profilaxia quimiopreventiva que consiste em dar comprimidos às crianças que vivem em contacto com doentes e às pessoas em que a tuberculina provoca uma reacção muito positiva.

Graças às medidas que foram tomadas, assim como ao melhoramento contínuo das condições económico-sociais da população, obtiveram-se resultados muito satisfatórios na luta contra a tuberculose, ao mesmo tempo que diminuíram os casos de infecção, doença e mortalidade. De 1950 a 1965 a mortalidade (nas cidades) desceu 86% e a doença (nas vilas e cidades) desceu 78% de 1957 a 1966.

É, portanto, graças às condições de melhoramento contínuo de bem-estar das massas trabalhadoras e graças a um serviço médico especializado, bem organizado e gratuito, que a taxa de tuberculose não deixa de baixar.

Índice do ritmo de diminuição dos casos de tuberculose

Ano	Índice	por 10.000 habitantes
1960	53.1	
1961	37.4	
1962	32.1	
1963	27.9	
1964	21.5	
1965	19.2	
1966	16.2	
1967	14.7	
1968	14.4	
1969	13.9	

A COMBATENTE

Quando deixou a aldeia era ainda noite e as estrelas cintilavam no céu como uma multidão de velas. O canto do galo anunciava o romper da alva. A aurora surpreendeu-a no topo de uma colina. No sopé via-se a aldeia, com a casa do tio Trifon e a ruela sinuosa. Acabava de deixar uma existência e mergulhava em pleno noutra. Ao amanhecer, já não saíra para o pátio respirar a plenos pulmões o ar puro e o cheiro da erva fresca. A tristeza ensombrou-lhe o olhar: sentia pena de ter deixado o seu tio só. Era velho e não podia segui-la. No momento da partida, o tio Trifon entregara-lhe uma espingarda que sempre conservara bem guardada num canto.

Abraçara-a. Rina deixou a casa com os olhos rasos de lágrimas e juntou-se aos camaradas que a esperavam.

Mais tarde soubera que o tio Trifon tinha dado que fazer. Os fascistas, conduzidos pelo bey(2) da aldeia, introduziram-se na casa do tio Trifon e perguntaram-lhe onde tinha escondido a sobrinha. Ele respondeu que nada sabia. Sovaram-no como loucos e deixaram-no ensanguentado. O velho reconsiderou e disse-lhes que estava pronto a tudo confessar com a condição de lhe darem um cigarro. O tio Trifon foi buscar um pequeno embrulho cuidadosamente dobrado, colocando-o no meio do quarto e enquanto os outros esperavam que o velho tirasse uma lista ou qualquer outro documento, ele aproximou o cigarro de uma pequena mecha que saía do embrulho. Um segundo depois tudo foi pelos ares, a casa e todos que nela se encontravam. O embrulho do tio Trifon era dinamite. Eis o que acontecera ao seu tio... No local marcado, o grupo encontrou alguns «partisans».

— Morte ao fascismo!

— Liberdade para o Povo!

Após esta saudação habitual, um jovem simpático, com uns lindos bigodes, aproximou-se de Rina e disse-lhe:

— Tu, camarada, vais trabalhar para o hospital.

— O hospital?

Rina ficou embaraçada. Nunca imaginara que os «partisans» tivessem hospitais. No seu espírito, o «partisan» era um homem que não temia as balas.

— Nunca trabalhei em hospitais, disse ela a meia-voz. Pergunto a mim mesma o que poderei lá fazer. Eu...

O jovem não a deixou terminar.

— Aprenderás. O médico do hospital, Naim, ajudar-te-á.

O hospital fora instalado num edifício de dois andares, construído em pedra. Rina entrou. Um forte odor a tintura de iodo misturado com o mau cheiro das feridas provocou-lhe uma náusea, mas ela reagiu e continuou a andar. Por uma porta entreaberta viu um combatente com a cabeça ligada. Gemia. Vieram-lhe as lágrimas aos olhos. Tudo aquilo lhe era insuportável. Interrogava-se como poderia trabalhar ali. O sangue horrorizava-a. Sempre que o tio Trifon matava uma galinha, ela ia esconder-se para não ver o sangue e os sobressaltos do animal. E agora, ironia da sorte, queriam que trabalhasse num sítio onde só havia sangue e feridas, nada mais.

O pessoal do hospital dispensou-lhe um bom acolhimento. O médico era um jovem de estatura atlética. Na realidade, não era ainda propriamente doutor em medicina. Abandonara momentaneamente os estudos e refugiara-se no mato, erguendo este hospital para servir o melhor possível os combatentes feridos e os camponeses doentes.

A sinceridade do jovem causava admiração a Rina.

— Irás sem dúvida interrogar-te «Quem cura estes doentes?»

O moral, sim, o moral fantástico dos combatentes influi muito na cura rápida dos ferimentos.

— Se vim para o mato foi para combater de armas na mão. Não me sinto muito bem neste trabalho...

Naim entrevistou:

— Também eu, quando vim para o mato, só pensava em combater, mas chamaram-me a atenção e disseram-me: «Vais começar por instalar um hospital em tal sítio!» Eu repliquei: «Vim para combater, como todos os outros». Os camaradas explicaram-me então que a insta-

lação deste hospital e a assistência médica que devia assegurar aos feridos tinham tanta importância como os combates. E tu deves saber o que foi preciso suar para instalar este hospital. O principal é que o nosso trabalho sirva os combatentes.

2

Rina conheceu Shpresa, a enfermeira, ou, melhor dizendo, o «braço direito» de Naim. Shpresa era casada e tinha um bebé de um ano e meio chamado Shpetim. Alcançara o mato com o marido e o filho, após ter escapado por pouco aos agentes do S.I.M.. O marido juntara-se ao batalhão. Shpresa e o bebé vieram para o hospital. Rina escutava a narrativa e chorava.

— Tens recebido notícias do teu marido?

— Sim, tenho, embora raramente. Está louco por ver o miúdo...

Os dias passaram rapidamente. Os combatentes chegavam ao hospital a cavalo ou em macas, cheios de febre e com os ferimentos infectados. Rina permanecia à sua cabeceira, tratando-os como se fossem os seus próprios filhos. Mudava as ligaduras e dava-lhes de comer e de beber. Quando chegava a noite, aconchegava a roupa dos feridos; uma vez curados, estes voltavam ao batalhão. «O objectivo do nosso trabalho é servir os combatentes». Tornara-se este lema lançado por Naim aquando da sua chegada ao hospital. Sentia por vezes a nostalgia da casa onde sempre vivera, das árvores do jardim e do canto matinal do galo. Numa carta dirigida a uma das camaradas escrevia: «... Aqui tudo vai bem. Nem sombra de um fascista. Entre nós sente-se a Albânia livre. E em breve toda a Albânia será libertada. Nessa altura voltaremos encontrarnos e festejaremos a libertação. Há apenas uma coisa que lamento vivamente: que o meu tio não possa ver esse dia ...».

Em Setembro desse ano soube-se no hospital que a Itália fascista tinha capitulado. Substituiu-a um inimigo ainda mais feroz: a Alemanha nazi. Os soldados de Hitler penetraram em território albanês. A guerra reactivou-se. Borová foi arrasada. Fusilava-se e faziam-se internamentos em massa. Aumentava continuamente o número de combatentes feridos que chegavam ao hospital. Estava-se no início do Inverno. Foi então que o inimigo lançou a primeira grande operação contra as forças de combatentes. Ao primeiro embate, pareceu que a iniciativa passava para as mãos dos alemães. O hospital abarrotava de feridos. Naim, Shpresa e Rina trabalhavam como nunca, limpando as feridas, tratando dos doentes e procedendo a pequenas intervenções cirúrgicas: extracções de estilhaços de ósso, etc. Um dia deu entrada um ferido grave. Além dos ferimentos, tinha a perna direita congelada. Rina não se recordava de nenhum outro ferido em estado semelhante. Tratava-o e chorava pela sorte daquele rapaz que delirava «Atira, Bilail, dispara a metralhadora!»

Na manhã seguinte, Naim decidiu operá-lo.

Rina olhava Naim estupefacta.

— Como poderá ele viver só com uma perna?

— Não há outra solução. A perna está grangenhada. Se não for amputada ele morre. E o pior é não termos anestésicos.

Com que aparelhos ia ele fazer a operação? Os médicos alemães tinham certamente tudo o que necessitavam nos seus hospitais de campanha. E se um deles pudesse ver como se procedia a esta operação teria dito: «como é possível operar assim?». Mas, apesar de tudo isto, era preciso salvar o paciente.

— Rina põe a ferver a pequena serra de madeira.

Rina viu como o bisturi penetrava nos músculos gangrenados da perna, seccionando as veias e as artérias. Em seguida veio o osso. Sempre que a serra mordida, Rina tinha a impressão de que penetrava no seu cérebro. Não podia mais. Os seus nervos estavam esgotados e sentia-se desmaiar de um momento para o outro.

A má notícia chegou durante a noite. Dizia-se que as tropas alemãs e os ballistas (3) se encontravam perto da aldeia. Um agente de ligação trouxe uma carta, em que se dava ordem a Naim de evacuar os feridos com a ajuda de uma escolta de combatentes. Os combatentes com ferimentos ligeiros iriam a pé e os feridos graves seriam transportados em mulas. A situação era crítica; era necessário evacuar imediatamente o local.

Rina pôs-se a caminho, na cauda da coluna. À sua frente ia Shpresa, com o filho nos braços. Envolvera-o num cobertor velho e apertava-o fortemente contra o peito. A alvorada surpreendeu-os diante de um rio. Era necessário atravessá-lo. A água estava gelada e chegava à cintura. Uma parte dos feridos passou atribuladamente, molhando as ligaduras e os ferimentos. Os feridos graves foram transportados em braços, como crianças, até à outra margem. A coluna voltou a pôr-se em marcha.

No flanco de uma pequena colina encontraram um destacamento de combatentes que vinham em sentido contrário.

— Shpresa, Shpresa! — gritou um combatente bem constituído.

— Loni!

— Onde está Shpetim?

— Shpetim, olha, filho.

O homem e a mulher olhavam-se fixamente, sem nada dizer. Finalmente Shpresa apoiou a cabeça no peito largo do combatente e começou a soluçar.

— Que encontro!

— Shpresa, não chores. São coisas que acontecem em tempo de guerra.

Loni apertava o filho nos braços e cobria-o de beijos.

Tudo isto se passou num abrir e fechar de olhos. A coluna dos feridos afastava-se. Tinham que se separar.

— Toma bem conta do pequeno. Sé prudente. Nada tenho para oferecer a Shpetim. Olha, tenho aqui um bocado de pão que guardara para comer no caminho.

Shpetim pegou no bocado de pão e começou a comer.

Loni abraçou a mulher e partiu ao encontro dos camaradas. O seu destacamento subia a colina, alinhado.

— Os alemães!

A voz de Naim ecoou.

— Abriguem-se na floresta. Atenção aos feridos graves. O combate começou imediatamente. Foi para Rina o baptismo de fogo. Sentiu de início um grande medo, mas depois habituou-se aos tiros. Penetrou na floresta, colocou-se atrás de uma rocha e apontou a espingarda. Estava pronta a combater para defender os feridos, para se defender a si própria. Combateria também pelo tio Trifon, que fizera explodir a casa para matar os fascistas e os traidores, sabendo bem que deixaria aí a pele.

Disparava contra os alemães com a espingarda que lhe tinha dado o tio Trifon.

— Rendam-se! gritou um ballista.

— Os combatentes não se rendem!

— Rendam-se!

— Olha, toma este para tua conta.

Um alemão caiu por terra, gemendo.

Rina não conseguiria dizer quanto tempo durou o combate. Viu que o dia declinava e os tiros se tornavam mais raros, cessando depois

A COME



por completo. Em baixo, na aldeia, um cão uivava à morte. Mas os outros, onde estavam? Pôs-se à escuta. Silêncio absoluto. Queria chamar, mas pensou que os alemães poderiam ainda estar por ali. O melhor seria caminhar pelo bosque, paralelamente à estrada. Acabaria por encontrar alguém.

Um pássaro voou por sobre a cabeça de Rina. A neve caiu dos ramos e bateu-lhe no pescoço. O mato impedia-a de caminhar. Dir-se-ia que mãos invisíveis procuravam retê-la. Uma ideia terrível atravessou-lhe o espírito: talvez tivessem sido todos mortos ou feitos prisioneiros

BATENTE



pelos alemães. Pobre Naim! E Shpresa e o seu bebé, que seria deles? Certamente que os nazis não poupariam a criança.

Andou durante horas e horas por montes e vales, sem se cansar. A esperança de reencontrar os camaradas dava-lhe novas forças. No caminho encontrou alguns camponeses carregados de mochilas. As mulheres levavam as crianças, choramingando, nos braços. Toda esta gente parecia esgotada.

Outros camponeses, com as mulheres e as crianças, erravam pelo bosque. Por toda a parte se combatia ferozmente. Continuou o seu caminho. A noite surpreendeu-a de novo na floresta. O que Rina mais temia era a noite. Já não se recordava há quantos dias errava assim pela floresta. Estava esfomeada e sentia que as forças a abandonavam. De súbito, caiu num buraco coberto de neve. Procurou içar-se, mas escorregou e voltou a cair. Fez uma nova tentativa, mas sem sucesso. «Talvez esteja condenada a morrer no fundo deste buraco», pensou ela. Mas queria viver, sair daquele buraco e retomar o seu caminho. Com a fúria do desespero, tentou mais uma vez e conseguiu sair da fossa. Mal se aguentava de pé; tinha sono. Não podendo continuar a andar, começou a rastejar.

Ao alvorecer distinguiu duas grandes fogueiras no meio de uma aldeia. Algumas rajadas de metralhadora quebraram o silêncio da manhã. As chamas subiam assustadoramente para o céu. A manhã encontrou-a às portas da aldeia. Decidiu esperar pela noite para se abrigar numa casa. Tinha febre e todo o seu corpo tremia. Queria água. As árvores começaram a girar, primeiro lentamente, depois cada vez mais depressa. Seria o fim? Sim, era o fim...

Como num sonho, Rina ouviu de novo os tiros, e depois voltou o silêncio. A jovem, a arder em febre, sentiu que a erguiam para a levarem para qualquer sítio, mas para onde?

O hospital «partisan» retomara o seu trabalho. Dispunha agora de medicamentos e de instrumentos cirúrgicos enviados pela cidade ou apreendidos ao inimigo. Os combatentes do batalhão tinham encontrado Rina sem sentidos. Naim e Shpresa à sua cabeceira, tratavam-na. Faziam tudo para a salvar.

— Rina, como te sentes?

— !!!

— Sou eu, Naim. Olha, está aqui a Shpresa e o pequeno Shpetim.

A febre prosseguia. Há três dias que delirava. Rina lutava contra a morte com toda a força da sua juventude. Respirava dificilmente, como se o ar do hospital não tivesse suficiente oxigénio. Os dedos dos pés estavam grangentados. O estado geral da doente continuava a ser grave. Mesmo após a amputação dos dedos a febre não baixou. Mas apesar disso Rina salvou-se. Quando se restabeleceu, Shpresa contou-lhe em que condições fora encontrada. Quanto a eles, tinham pensado que se devia ter perdido na floresta, morta de frio ou devorada pelos lobos.

— Voltas de longe, minha pequena Rina, disse-lhe Shpresa.

Algum tempo depois, Rina sentiu-se completamente restabelecida.

— Levanta-te, Rina, disse para consigo, porque quanto mais trabalhares para os combatentes, mais cedo eles voltarão para as suas unidades. E melhores dias hão-de vir...

(1) — O termo original é «partisan», que significa à letra «partidário». Empregava-se para os membros do Exército Popular de Libertação Nacional.

(2) — BEY: título honorífico, de origem otomana, concedido a ricos proprietários da cidade ou do campo.

(3) — BALLISTAS: membros do BALLI KOMBETAR, organização da burguesia albanesa criada como reacção contra a Frente de Libertação Nacional e que colaborou durante a guerra de libertação, com o invasor fascista.

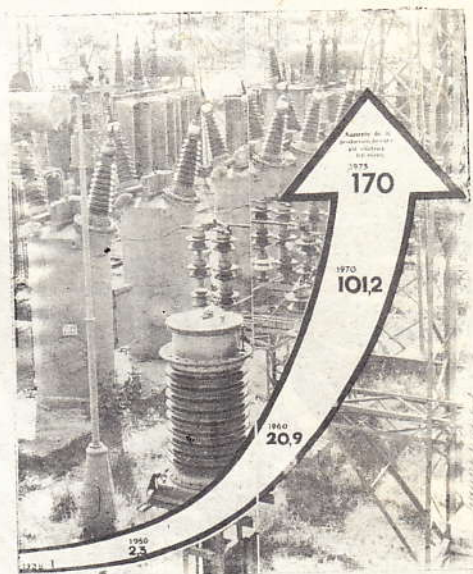
OS HOMENS

Na Albânia como em todos os países socialistas a economia é planificada. O ano de 1975 marca o fim do quinto "plano quinquenal". Deste plano faz parte a construção de diversas obras de grande envergadura que vêm dotar a Albânia de uma indústria pesada que a torna autosuficiente. Das obras previstas a mais importante é sem dúvida a construção da central hidro-eléctrica de Fierze, sobre o rio Drin.

Embora a Albânia esteja já totalmente electrificada, as grandes realizações previstas no quinto plano quinquenal (Combinado Siderurgico de Elbasan, Balsh, entre outros) necessitavam de um grande aumento de produção de energia. Enquanto os países capitalistas se debatem com uma grave crise de energia, a Albânia, seguindo uma política de autonomia económica, explora todos os recursos do seu país, não sendo atingida pelas crises motivadas pela dependência económica. Esta central terá uma capacidade de 500.000 KW sendo a hidro-eléctrica mais importante que a Albânia até hoje conheceu.

Trabalham nela homens e mulheres de todas as idades e abrangendo todas as especializações, vindos de todas as partes da Albânia.

Ouçamos alguns deles:



Pashk Gjini, do estaleiro de produção nº1

Nasci e fui criado em Fierze. Tenho 30 anos. Até 1968 trabalhei na agricultura. Comecei a trabalhar na central após as primeiras pesquisas geológicas. A primeira equipa de investigadores esteve uns dias em minha casa. Descreveram-nos a obra pormenorizadamente. Para a minha família parecia fantástico. Mas em breve se começou a tornar realidade. Toda a minha família está ligada a esta obra que fornecerá tanta luz à nossa pátria. O meu irmão Sulash trabalha no sector de transportes do estaleiro dos túneis; minha mãe também trabalha no mesmo estaleiro. Minha mulher e uma das minhas cunhadas trabalham na empresa de abastecimentos de operários; a outra cunhada está no estaleiro de produção nº 1. Minha mãe fala-nos muitas vezes da nossa aldeia completamente deserta. O meu pai tinha um barco que fazia o transporte entre uma e outra margem. Molhava-se frequentemente com a água fria do rio, ficou doente e morreu. Ficámos orfãos. Não havia qualquer estrada a ligar Fierze às outras regiões. Tínhamos que fazer três dias de marcha para ir ao médico em Skoder. A única luz para nós era a resina de madeira. Agora, o nome da minha aldeia é conhecido em toda a Albânia. Fierze tornou-se o símbolo da luz.

E A LUZ

Isuf Kaca, dirigente da brigada 'O 30º aniversário da libertação'

Sou originário do distrito de Diber. Trabalho aqui há 4 anos. Trabalhei também na construção da primeira central hidro-eléctrica sobre o Drin, em Van i Dejes. Foi lá que me tornei mineiro. A obra que estamos a construir é incomparável. Foi aqui que me tornei soldador, electricista e carpinteiro. O mesmo se passa com outros trabalhadores.

O terreno é muito acidentado mas nós utilizámos máquinas modernas. Em dois anos o comprimento dos tuneis que abrimos é cinco vezes superior ao dos tuneis de Van i Dejes, abertos no mesmo espaço de tempo.

A brigada que eu dirijo tem 400 operários. Vieram de todos os cantos da Albânia. A central hidro-eléctrica tornou-se para nós uma grande escola.



Nodoc Prela, operário do sector da Barragem

Tenho 24 anos, vim de Manuiras, no distrito de Kruje. Já há alguns anos que oiço falar da central de Fierze. Atrairam-me as imagens mais fantásticas. Para nós, os jovens, isso é absolutamente natural. Vim para aqui, com centenas de outros jovens para vencer o Drin, o rio mais impetuoso do nosso país. É com esta paixão que trabalho ombro a ombro com os meus camaradas. Estamos a alcançar o nosso objectivo. Já tinha trabalhado há algum tempo como voluntário, na construção da via férrea de Fier-Ballsh com milhares de outros jovens.

A minha casa fica a alguns quilómetros daqui, mas isso não tem importância. Nós todos constituímos uma grande família que tem um objectivo comum: Dar o mais possível luz à nossa pátria. Os dias futuros verão surgir novas centrais.

Seguiremos o seu exemplo levando a alegria do trabalho.



Olga Koçi, cozinheira

Posso dizer-vos já que a minha família é uma família que vive há já vários anos a vida das centrais hidro-eléctricas. Os meus filhos nasceram todos nas oficinas destas obras. Três dos meus filhos nasceram nos anos 50, na central Karl Marx sobre o rio Mat. Fomos depois para as centrais nº 1 e 2 de Bistrice, onde trabalhámos durante 6 anos. Antes de vir para aqui estivemos nos estaleiros da central de Van i Dejes no distrito de Skodra. Em todas fui cozinheira. Os meus filhos criaram-se no ambiente das construções de centrais, tornaram-se torneiros, mecânicos e técnicos.

Ao relembrar o caminho percorrido parece-nos que as centrais foram para nós uma verdadeira escola. Fierze parece-nos uma verdadeira universidade. Veio gente de todos os cantos do nosso país para domar os rochedos, travar o curso do rio e projectar a luz. Sinto-me feliz pela minha modesta contribuição a esta importante obra.



PERGUNTAS E RESPOSTAS

Qual a posição da Albânia face ao Pacto de Varsóvia?

Tem-nos sido muitas vezes perguntado porque é que a Albânia se retirou do Pacto de Varsóvia. Vamos portanto responder, mas para que os nossos leitores possam compreender melhor as razões da saída da Albânia deste Pacto, começaremos por fazer um pequeno resumo da sua história.

PORQUE FOI CRIADO O PACTO DE VARSÓVIA

A seguir à Segunda Guerra Mundial, os EUA criaram a NATO (Organização do Tratado do Atlântico Norte) que abrangia diversos países da Europa incluindo a Alemanha Ocidental e cujo principal objectivo era o combate aos países socialistas e a sua destruição. O Pacto de Varsóvia foi criado como contrapeso a este tratado imperialista e tinha como principal objectivo a defesa dos seus estados membros. Ele foi assinado em 1955 por livre vontade dos 8 países então socialistas participantes: os países que fazem parte da chamada Europa de Leste e a Albânia.

"Neste acto expressava-se a política destes países em defesa dos seus interesses e objectivos comuns dos planos e fins agressivos do bloco militar imperialista da NATO... Assim, pois, ao ser criado, o Pacto de Varsóvia tinha por meta defender os países membros da agressão imperialista e do revanchismo germano-occidental. Era um tratado de defesa justo e indispensável que respondia inteiramente aos elevados interesses dos países membros... Estava alicerçado... na amizade fraterna entre os estados socialistas, soberanos e iguais, na sua decisão de consolidar ainda mais as fraternas relações internacionalistas de colaboração e ajuda mútua, de respeito pela soberania e independência nacionais e de não-ingestão nos assuntos internos de um e outro...

O povo albanês saudou o Pacto de Varsóvia como um facto de grande importância política, militar e económica, que jogaria um grande papel não só na defesa dos países membros contra os planos e a política de agressão das potências da NATO, mas também porque contribuiria ainda mais para a consolidação e desenvolvimento de cada

estado membro, baseando-se na fraterna colaboração entre os países membros do Tratado, pelo caminho do socialismo... e porque concorreria também para a consolidação múltipla de todo o campo socialista e da paz na Europa e no mundo".

O PACTO DE VARSÓVIA COMEÇA A TRANSFORMAR-SE

Em 1953 morre J. Estaline que sempre se tinha mostrado amigo da Albânia. Em 1956 N. Kruchoy sobe ao poder e mostra-se disposto a usar o Pacto de Varsóvia para interferir nos assuntos internos dos países que eram aliados da URSS. Inicia-se assim a transformação do Pacto de Varsóvia.

Este processo de transformação não passou despercebido à Albânia que começou, mesmo dentro do Pacto de Varsóvia, a opôr resistência aos objectivos da direcção soviética, partindo de simples observações e oposições até à denúncia aberta e directa da linha da direcção soviética. Do mesmo modo, a resistência dos Albaneses não passou despercebida aos soviéticos que começaram a atacar e caluniar a Albânia, tentando impôr-lhe a sua linha através de pressões e chantagens, chegando a negar-lhe o direito de participar nas reuniões, realizando treinos e manobras militares sem a participação da Albânia. A partir de 1961, o governo da República Popular da Albânia nunca mais foi consultado nem convidado para as reuniões e os participantes dessas reuniões nunca o informaram das resoluções tomadas. Isto correspondia de facto à "expulsão" da Albânia do Pacto de Varsóvia.

AS NORMAS DO TRATADO FICAVAM NO PAPEL

"Na declaração sobre o coman-

do unitário salientava-se que os 'ministros da defesa ou outros dirigentes militares dos países signatários do Tratado, são nomeados Vice-Comandantes Gerais das Forças Armadas Unificadas' ". No entanto, estas Forças Armadas "tornaram-se na prática parte integrante das forças armadas da União Soviética. Além dos ministros da Defesa dos países membros do Tratado não terem nenhuma competência no cumprimento das suas funções de Vice-Comandantes Gerais... as coisas chegaram a tal ponto que o Comandante-Geral das forças unificadas do Pacto de Varsóvia passou a ser sempre um dos vice-ministros da Defesa da União Soviética, que recebe ordens do

Ministro da Defesa da União Soviética... e não do Comité Político Consultivo do Tratado. Além disto, até mesmo o Estado-Maior das Forças Armadas Unificadas encontrava-se inteiramente em mãos dos oficiais soviéticos, como apêndice do Estado-Maior do exército soviético... Assim, na organização do Tratado de Varsóvia não ficou nem a sombra do princípio de igualdade entre os países membros...

Em Setembro de 1957... foi firmado um acordo entre a União Soviética e a RPA para a criação da base militar de Vlora... Segundo o acordo, a base de Vlora seria uma base albanesa onde mandávamos nós, os albaneses. Ela submetia-se às ordens do governo albanês e todo o equipamento militar-naval era propriedade da RPA. No entanto, o governo da União Soviética, em contradição com as disposições do Pacto de Varsóvia e com os outros acordos firmados entre o governo da RPA e o da União Soviética em decorrência deste tratado, tentou por todos os meios impor a sua vontade ao nosso governo e às nossas forças armadas, procurando fazer com que os militares soviéticos agissem na base de Vlora como se esta não se encontrasse no território da RPA mas no território da União Soviética ou de algum país vassalo... E eis

que em Maio de 1961 o governo soviético... arrebatou-nos pela força 8 submarinos, propriedade da Estado albanês, que se encontravam na base de Vlora, assim como os barcos de guerra albaneses que estavam fundeados no porto de Sebastopol, e os militares soviéticos abandonaram a base de Vlora. A União Soviética expulsou todos os oficiais e cadetes albaneses que estudavam nas escolas e academias militares da União Soviética e exigiu ainda que o representante permanente do Estado-Maior do Exército Popular da RPA ante o comando unitário do Pacto de Varsóvia em Moscovo, abandonasse o território da União Soviética em 24 horas...

Entre os dispositivos do Pacto de Varsóvia, o artigo 8º previa: as partes contratantes 'actuarão no espírito de amizade e colaboração, visando desenvolver e consolidar ainda mais as relações económicas e culturais, apoiando-se nos princípios do respeito recíproco da sua independência e soberania e de não-ingerência nos assuntos internos'. Contrariando estes princípios e disposições, o governo soviético, estendendo as divergências ideológicas inclusivé para o campo das relações estatais com o nosso país, violou e espezinhou unilateralmente todos os acordos firmados, anulou todos os créditos concedidos à RPA... retirou da Albânia todos os especialistas soviéticos, suspendeu toda a colaboração e acordo económico-comercial, técnico-científico e cultural...

Apesar do artigo 7º... determinar que as partes contratantes se comprometem 'a não participar em nenhuma coalisção ou aliança e a não firmar nenhum acordo cujos fins estejam em oposição aos objectivos deste tratado', o governo da União Soviética a partir de 1961... realizou inúmeras negociações com o imperialismo americano... e em 1963 a direcção soviética assinou com os EUA e a Inglaterra o Tratado tríplice de Moscovo sobre a proscrição parcial das provas nucleares...

A INVASÃO DA CHECOSLOVÁQUIA E A SAÍDA DA ALBÂNIA

Apesar de todas estas violações e pressões exercidas pela União Soviética, a Albânia não se retirou logo do Pacto de Varsóvia. Antes pelo contrário, "com paciência empreendeu sérios e contínuos passos ante os órgãos do Pacto de Varsóvia e os governos dos países membros, exortando-os a reflectir sobre a situação criada no seio do tratado e a remediar imediatamente os graves danos causados aos elevados interesses dos estados membros e a todo o campo socialista". A ruptura completa da Albânia com o Pacto de Varsóvia, a sua saída, dão-se na altura da invasão soviética à Checoslováquia.

"A agressão militar contra a Checoslováquia constitui uma agressão a um país membro do Pacto de Varsóvia... Esta agressão foi perpetrada à traição e em nome do Pacto de Varsóvia... A agressão à Checoslováquia e a sua ocupação militar... enterraram definitivamente todos os princípios e fins justos que caracterizavam o Pacto de Varsóvia quando da sua assinatura há 13 anos. Esta agressão vergonhosa converteu definitivamente o Pacto de Varsóvia num instrumento de agressão, num tratado agressivo... para submeter à liberdade dos povos e escravizar os países membros deste tratado".

São estas, em resumo, as razões que levaram a Albânia a sair do Pacto de Varsóvia. "Saindo do Pacto de Varsóvia demonstramos a todo o mundo que o povo albanês não reconhece as zonas de influência das grandes potências imperialistas... e não aceita participar numa coligação de agressão".

NOTA: Todas as citações que não trazem mencionado o nome do autor, são tiradas do discurso feito em 13 de Setembro de 1968 por Mehmet Shehu, presidente do Conselho de Ministros, na 6ª sessão da Assembleia Popular, "Sobre a posição da Albânia em relação ao Pacto de Varsóvia".



Qual o papel dos sindicatos na Albânia ?

No passado não havia, na Albânia, quaisquer Sindicatos. Foi só após a Libertação, com o alvorecer do jovem poder popular que, tornando-se sentida a necessidade da criação de estruturas destinadas a organizar toda a classe operária e o campesinato trabalhador para as grandes tarefas da edificação socialista, se levou avante a criação das Uniãoes Profissionais.

Durante os seus 30 anos de existência (completados em Fevereiro deste ano) as UPA estiveram à frente da luta pela liquidação do atraso económico do país, pela assimilação da técnica e da tecnologia modernas, pela organização e direcção da produção agrícola e industrial em todos os sectores da vida económica.

As Uniãoes Profissionais da Albânia têm ainda um papel muito importante contra todos aqueles que querem pôr os seus interesses pessoais ou de grupo à frente dos interesses do povo em geral, em especial contra os conservadores e os burocratas.

As UPAs são autênticas escolas de socialismo: educam os trabalhadores, elevam a sua consciência política e organizam-nos para que possam, efectivamente, governar o país.

A nível internacional é prestado um apoio efectivo às lutas progressistas dos povos pela libertação nacional e social, pelos direitos democráticos dos trabalhadores, pelas liberdades sindicais e contra a opressão e a exploração de todas as formas de capitalismo.

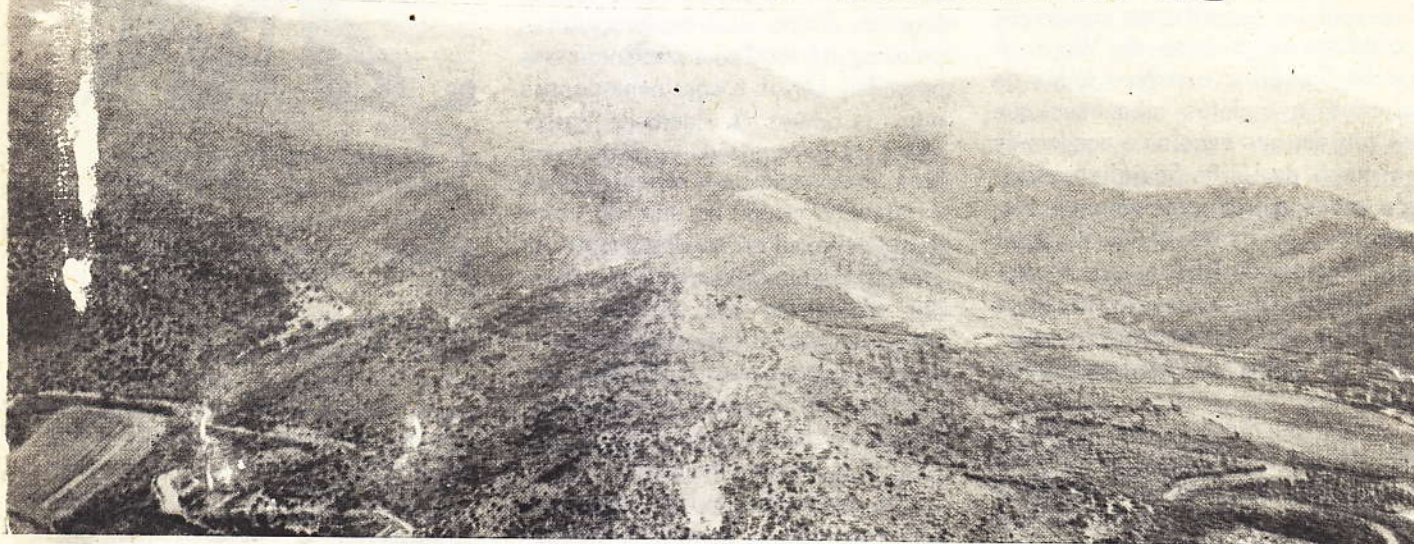
Num dos próximos números da revista voltaremos mais detalhadamente a este assunto.

PÁGINAS DA HISTÓRIA DA ALBÂNIA

Iniciamos hoje uma nova secção da nossa revista. "Páginas da história da Albânia" destina-se a dar a conhecer aos nossos leitores e aos amigos da Albânia a história deste pequeno país e do seu povo que, pela sua heróica luta secular, soube ganhar a admiração e o respeito de todos os povos do mundo.

No artigo que se segue faremos um breve apanhado sobre a história da Albânia até à sua formação como Estado independente reconhecido internacionalmente. Nos próximos números trataremos com mais pormenor os assuntos que aqui vêm abordados.

O PAÍS DAS ÁGUIAS



A Albânia é um país de civilização muito antiga. Os seus primeiros habitantes foram os Ilírios. Segundo alguns cientistas, eles pertenceriam ao grupo de tribos indo-europeias que, vindas do Norte, se estabeleceram nos Balcãs em fins do segundo milénio antes de Cristo. São eles os antepassados dos Albaneses.

A Albânia foi sempre o alvo da cobiça dos países vizinhos. Desde o início que a sua história se caracteriza pelas sucessivas invasões estrangeiras e pela resistência tenaz que os albaneses sempre lhes opuseram. Os Gregos foram os primeiros. Seguiram-se os romanos que, só ao fim de dois séculos e meio de guerra, conseguiram anexar a Albânia. Mais tarde, Bizantinos e Normandas batem-se pela sua posse e a Albânia acaba por ser ocupada pelos primeiros.

Depois do século XII os feudais albaneses libertam-se da tutela bizantina e criam um Estado cujo centro era Kruja. Mas as rivalidades e as guerras entre os senhores feudais albaneses acabaram por facilitar a invasão dos turcos que ocupam a Albânia. À sua frente encontram a firme resistência dos albaneses. Conduzidos pelo príncipe Scanderberg, os albaneses enfrentam vitoriosamente os turcos durante um quarto de século. Sem nunca ter deixado de combater, Scanderberg morre com 65 anos em 1468 e a resistência albanesa acaba por ser esmagada. A ocupação turca irá durar meio milénio e durante todo esse tempo a resistência albanesa toma diversas formas e acaba por triunfar em 1912. A luta armada que se desenvolvia desde 1905 culmina em 1912 com uma insurreição geral: a 28 de Novembro de 1912 a proclamação da independência coroava uma luta de séculos.

Em 1913 cria-se um novo Estado: a Albânia. As suas fronteiras são fixadas em Londres em Outubro de 1913. Na opinião dos Albaneses essas fronteiras são muito favoráveis à Grécia e à Sérvia e muito pouco conformes à realidade etnográfica. Em Atenas e Belgrado via-se com maus olhos a criação dum Estado albanês e começam novas invasões. Os Sérvios entram no norte de Albânia. Partidários da Grécia sublevam-se no sul. O Estado albanês torna-se o palco de complicações internacionais e procura-se fazer com que ele desapareça da cena mundial. Em 1914 um príncipe alemão é chamado a pôr-se à cabeça do Estado albanês, mas os interesses da Austria e da Itália levam-nos a não apoiar o príncipe. A Albânia torna-se o cenário de combates violentos e quando rebenta o conflito entre a Austria e a Sérvia, o príncipe alemão abandona o país, que se torna campo de batalha entre os Austro-Húngaros e os Italianos.

No fim de 1914 os italianos ocupam Vlora. As suas reivindicações sobre a Albânia são altamente embaraçosas para as outras forças da Entente (França, Inglaterra, etc) porque acordos secretos firmados em Londres a 26 de Abril de 1915 e publicados em 1918, pela Rússia de Lenine, previam o desmembramento da Albânia. No entanto, em Junho de 1917 o general italiano G. Ferrero proclama a 'Unidade e a Independência albanesas sob a protecção do reino da Itália', o que é bem revelador das intenções da Itália: anexar a Albânia e torná-la uma colónia.

Depois do armistício búlgaro de Setembro de 1918, os Austro-Húngaros evacuam a Albânia e uma adminis-

O PAÍS DAS ÁGUIAS

fração inter-aliada instala-se em Shkodra com contingentes ingleses, franceses e italianos. Estes últimos tinham transformado a região de Vlore numa autêntica colônia e sob a sua égide forma-se em Durres um governo provisório.

Assim a pequena Albânia, recém-formada como Estado, era disputada por vários países estrangeiros que lhe negavam o direito à independência. Franceses, Italianos, Ingleses, Gregos, etc fizeram da Albânia um campo de batalha, cada um querendo para si o maior bocado.

Mas os Albaneses tinham uma tradição secular de luta pela Independência Nacional e não se deixaram vencer: no Congresso de Tirana em 19 de Novembro de 1918, os Albaneses reivindicam o direito de viver livres e independentes dentro das fronteiras reconhecidas ao seu Estado em 1913. Eles protestam contra os acordos secretos das potências da Entente que queriam dividir a Albânia principalmente entre a Grécia e a Itália.

Em 1919 rebenta uma revolta em Vlore, ocupada pelos Italianos. Em Janeiro de 1920, o Conselho de Regência, que nomeia um congresso nacional onde estão representadas todas as religiões, instala-se em Tirana. A revolta popular alastra-se rapidamente e em Junho os Italianos são forçados a abandonar Vlore.

Em Agosto de 1920 a Itália reconhece o governo de Tirana e evacua a Albânia, à excepção da pequena ilha de Sazan. As tropas gregas que tentavam apoderar-se de Korça são rechaçadas. A Albânia saía vitoriosa da luta e em Dezembro de 1920 é admitida como membro da Sociedade das Nações.

É assim que a Albânia é reconhecida internacionalmente como Estado independente. Não acabou aqui a luta do povo albanês pela Independência Nacional, mas uma coisa se pode desde já concluir: como disse Enver Hoxha, o povo albanês "abriu o seu caminho na história com a espada na mão".



A 9 de Janeiro de 1936 foi proclamada a República Popular da Albânia. A luta secular do povo albanês pela independência e pela liberdade tinha finalmente alcançado o seu objectivo!

O que é a A.A.P.A. ?

DOS ESTATUTOS:

Art. 1º — A Associação de Amizade Portugal-Albânia é uma associação de massas aberta a todos os amigos da Albânia, independentemente das suas convicções políticas, filosóficas ou religiosas.

Art. 2º — A Associação tem por objectivo desenvolver os laços de amizade entre o povo de Portugal e da Albânia, informando a população portuguesa e em particular as classes trabalhadoras sobre a realidade concreta da Albânia de hoje e sobre a construção do socialismo em todos os seus aspectos: político, económico, social, cultural e sobre a política internacional.

Art. 3º — A A.A.P.A. não pode servir-se da divulgação e esclarecimento popular sobre a vida e a luta do povo albanês para propagandear esta ou aquela linha política partidária.

O QUE FAZ A ASSOCIAÇÃO

Desenvolver a amizade com a Albânia é responder às perguntas de todos aqueles que se interessam pela Albânia, seja qual for o motivo desse interesse: vida quotidiana do povo albanês, análise da situação mundial, emancipação da mulher, cultura, etc.

A base deste conhecimento são as explicações que os albaneses dão, eles próprios, da realidade. A A.A.P.A. difunde as publicações albanesas, livros e revistas e, muito em breve, organizará viagens à República Popular da Albânia. A Associação organiza ainda projecções de filmes e imagens, exposições, colóquios, etc.

A A.A.P.A. edita:

— Uma revista bimestral «Albânia, Terra do Homem Novo» que divulga a vida e as conquistas do povo albanês, traz informações recentes sobre a Albânia e sobre a actividade da Associação.

— Brochuras e textos sobre diferentes aspectos da realidade albanesa: controle operário, saúde, a luta de libertação nacional, etc, ...

A base da Associação são os Comitês Locais. Os Comitês Locais são compostos por sócios que se agrupam localmente para participar no trabalho da A.A.P.A.. Os Comitês Locais são os principais impulsores do trabalho, esclarecimento e divulgação da R.P. da Albânia, pois são eles que estão em contacto directo com a

população de cada região. Cada Comité Local pode organizar colóquios, projecções de filmes ou imagens, pequenos textos, exposições, etc, contando, para isso, com a ajuda da sede central em material.



PORQUÊ ADERIR À AAPA?

Aderir à Associação de Amizade Portugal-Albânia é encontrar meios de informação sobre a Albânia Socialista para melhor a conhecer e compreender.

Tal como diz o artigo 4º dos estatutos: «Podem ser sócios da A.A.P.A. com plenos direitos todos os amigos da Albânia, independentemente das suas convicções políticas ou religiosas, que se inscrevem na Associação, paguem cotizações e joia.»

Aderir à Associação de Amizade Portugal-Albânia é desenvolver e reforçar a corrente de amizade com a Albânia.

ESCLARECIMENTO

A Direcção Nacional da AAPA esclarece todos os amigos da Albânia que devido aos acontecimentos do chamado «25 de Novembro», se viu obrigada a não dar ao 31º Aniversário da R. P. da Albânia o devido realce, não levando avante as realizações nacionais que tinha programado.

Para superar tal falha, a AAPA irá durante o mês de Janeiro levar a cabo toda uma série de iniciativas para festejar o 11 de Janeiro de 1946, data da proclamação oficial da República Popular da Albânia.

O Secretariado da Direcção Nacional

TODOS OS AMIGOS DA ALBÂNIA
DEVEM PERTENCER À ASSOCIAÇÃO
DE AMIZADE PORTUGAL-ALBÂNIA!

O aderente, porque recebe da Associação as informações recentes e completas sobre a Albânia, está melhor armado para poder falar da R.P. da Albânia e suscitar, à sua volta, uma corrente de simpatia.

PEDIDO DE COLABORAÇÃO

A Direcção Nacional da AAPA tem vindo a realizar um esforço de alargamento motivado pela necessidade de levar a realidade albanesa aos quatro cantos do país.

Nesse sentido, pedimos a colaboração de todos os amigos e sócios. Vem à Associação, escreve-nos se estás interessado em participar num Comité Local.

Mais concretamente aos amigos da Albânia das zonas de Lisboa, Porto, Coimbra, Faro e Alameda, e que estejam interessados em colaborar com a AAPA, devem entrar em contacto connosco rapidamente.

assinaturas

Os amigos da Albânia que desejem tornar-se assinantes de qualquer das revistas albanesas «Albanie, Aujourd'hui» e «Albanie Nouvelle», poderão fazê-lo escrevendo para a nossa Associação, enviando:

- Nome e morada;
- Indicação se desejam assinar a revista por 1 ano
- Vale com a quantia necessária;

Pedimos a todos os amigos que nos enviem os pedidos rapidamente.

“Albânia Hoje”: 60\$00; “Albânia Nova”: 120\$00
(em espanhol ou francês)

ELEIÇÕES NA A.A.P.A.

No mês de Novembro realizaram-se, em Lisboa e no Porto, as Assembleias Gerais da A.A.P.A. com o fim de eleger a nova Direcção Nacional e de aprovar o seu Programa de Trabalhos.

Logo de início, a direcção cessante apresentou o seu Relatório de Actividades, no qual analisava o trabalho realizado, os seus êxitos e as suas maiores deficiências. Foram abordados alguns aspectos sobre a actividade futura da Associação, pondo-se em destaque

a necessidade de alargar cada vez mais o seu trabalho, de fomentar a criação de Comités Locais da Associação e de divulgar por todo o país a realidade da nova Albânia.

A fraca participação dos associados nas Assembleias Gerais, limitou a importância desta discussão. Tal facto tem que ser rapidamente alterado, pois é da participação de todos os amigos da Albânia nas actividades da A.A.P.A. que depende o sucesso da sua realização.

A constituição da Direcção Nacional e o seu programa, propostos pelos colaboradores da Associação, receberam o apoio da quase totalidade das pessoas presentes.

A Presidência passou a ser composta por:

- Félix Ribeiro
- Francisco M. Rodrigues
- José Mário Branco
- José Pinto
- Orlando Raimundo
- Brochado Coelho
- Henrique Alves Costa
- Joaquim P. de Lima

O Secretariado passou a ser o seguinte: Luís Borges (S.Geral), Elisa Figueira (S.Sul), Edgar (S.Norte), Ana Pais (S.Administração), Margarida Peres (Tesoureira), Miguel Miranda (S.de Propaganda).

nesto numero

31º Aniversário da
Republica Popular da Albânia.....pag 1

A Nova Literatura Albanesa
alcança projecção internacional..pag 3

Combinado Metalurgico
de Elbazan.....pag 4

A Luta contra a
Tuberculose.....pag 6

A COMBATENTE
(conto).....pag 7

Os Homens e a Luz.....pag 10

Perguntas e Respostas.....pag 12

Páginas da História da Albânia
(O País das Águias).....pag 14

Vida da Associação.....pag 16

TEXTOS QUE SE ENCONTRAM À VENDA NA ASSOCIAÇÃO DE AMIZADE:

A Saude Publica
na Albânia Socialista...2\$50

A Luta pela
Libertação.....2\$50

A Luta Anti-fascista de
Libertação Nacional.....5\$00

A Agricultura na
Albânia.....2\$50

Uma Mãe (conto).....2\$50

Como São as Eleições
na Albânia.....2\$50

A luta do Povo Albanês
pela Libertação da Mulher....
.....10\$00

"Albânia, terra do homem novo"
nº 2, 3, 45\$00

Todo os outros textos já editados
encontram-se de momento esgotados

Existem também "posters" baseados
em reproduções de gravuras albanesas.

edição da

ASSOCIAÇÃO DE AMIZADE
PORTUGAL - ALBÂNIA

Sede:

Rua da Alegria 76 2º Esq Lisboa

Comité do Porto

Rua D. João IV 380 1º Porto

Correspondência

Apartado 2435 Lisboa

Apartado 519 Porto

A Associação de Amizade
Portugal-Albânia saúda
o povo albanês pelo 31º
aniversário da liberta-
ção da sua pátria, pelas
grandes vitórias alcan-
çadas em todos os domí-
nios da vida do país, e
manifesta a sua confian-
ça no futuro do povo Al-
banês que será, sem du-
vida, um exemplo para
os povos de todo o mun-
do.